

junto para fazer a adoração e unindo-vos no coração santíssimo do Mestre Divino: então ter-se-á a grande alegria pela vida comum. A nossa é a vida comunitária, porque todos permanecemos em Cristo e todos queremos ser iguais a êle: ter um coração igual ao dele, a mente igual a dele, uma vida igual à sua » (AP 1957, 174 e 176).

5. Da palavra à vida

O desafio por excelência para o homem de hoje – tomado por mil compromissos e possibilidades que a vida lhe oferece, sobretudo no campo da internet e dos social media – é aquele de conseguir parar e tornar-se consciente do dom imenso da vida que está vivendo, do mistério no qual está inserido e envolvido, e ao mesmo tempo reconhecer o enorme risco que corre de ver passar a própria vida num piscar de olho, tomado por mil coisas urgentes mas não importantes e essenciais, e de não perceber a presença e o dom de Deus, saborear a sua companhia e a dos irmãos e irmãs, sentir-se uma única família, ajudando-se mutuamente, vivendo as relações de amor, com gestos de atenção e estima para com o outro, reconhecendo sua altíssima dignidade de filhos de Deus, criando e vivendo sempre mais uma cultura do encontro, acrescentando a própria parte na construção da “civilização do amor”.

- A relação com Deus ajuda-me a construir relacionamentos mais fraternos?
- Minhas relações com os irmãos e irmãs são marcadas mais pela generosidade ou pela vantagem pessoal?
- A que ponto cheguei no caminho de ver no rosto do irmão a face de Deus?

6. Oração

¹Vede: como é bom, como é agradável
habitar todos juntos, como irmãos.

² É como o óleo fino sobre a cabeça,
descendo pela barba,
a barba de Aarão, descendo
sobre a gola de suas vestes.

³ É como o orvalho do Hermon, descendo
sobre os montes de Sião;
porque aí manda Iahveh a bênção,
a vida para sempre (Salmo 133).



Março 2024

A METAMORFOSE DA FRATERNIDADE

O ponto “2” da carta do Superior geral – após haver tratado da “metamorfose” que o mundo está vivendo com a crise do mito do crescimento, com o desafio da inteligência artificial e os vários interrogativos que a Igreja está vivendo – reflete sobre outra metamorfose a ser realizada e que nos diz respeito pessoalmente: tornar-nos promotores da “cultura do encontro”, viver a fraternidade, tecer amizades novas para que possam tornar-se “veículo” de proposta que Deus dirige a cada homem. Isto reque uma saída de nós mesmos, do próprio narcisismo, para viver a “mística” do viver junto, aprender a agir junto, ser “tecedores de comunhão”, sobretudo para com os pobres e para com aquele que procura um sentido na vida.

1. Da Carta do Superior Geral

«... Uma humanidade tão mudada e uma Igreja que faz própria a cultura do encontro nos interpelam em concreto, pedem novos percursos e uma nova visão de sociedade e de povo de Deus que não pode ser fixada pelos critérios modernos de desenvolvimento ou de progresso e ainda menos de globalização ou bem-estar. A encíclica de Papa Francisco Fratelli tutti diz isto em claras letras: há necessidade de fraternidade, de olhar para o rosto do próximo de modo diverso, de tecer amizades novas para que a vida do cristão se torne como um veículo da proposta de amizade que Jesus indica a todos. Este é o tempo da transformação também das relações para que se favoreça, de modo novo, o encontro da humanidade com o Cristo. Uma transformação, que se configura como um processo de saída de nós mesmos e de nossos esquemas, pede que nosso olhar se eleve para ver horizontes novos e novos vultos, para iniciar algo de inédito no qual investir melhores energias...» (A metamorfose da fraternidade [2]).

2. O encontro com a Palavra de Deus

São Paulo convida-nos ao encontro com o outro partindo da vida interior, do coração, dos pensamentos e sentimentos, pondo assim as premissas para que o encontro concreto seja no sentido da acolhida, da escuta, da amizade, da comunhão. Na verdade Paulo nos aconselha, ainda antes que do coração, partir da fonte primeira em absoluto: Deus. De fato, é da experiência do amor trinitário, de seu perdão incondicional que o homem é habilitado ao encontro de amor com o irmão e a irmã, cheios de desejo de querer contribuir para a alegria e o bem-estar deles.

«Portanto, eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de compaixão, de bondade, de humildade, mansidão, longanimidade, suportando-vos uns aos outros, e perdoando-vos mutuamente, se alguém tem motivo de queixa contra o outro; como o Senhor vos perdoou, assim também fazei vós. Mas sobre tudo isso, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição. E reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados em um só corpo. E sede agradecidos. A Palavra de Cristo habite em vós ricamente: com toda sabedoria ensinaí e admoestai-vos uns aos outros e, em ação de graças a Deus, entoem vossos corações salmos, hinos e cânticos espirituais. E tudo o que fizerdes de palavra ou ação, fazei-o em nome do senhor Jesus, por ele dando graças a Deus, o Pai» (Col 3,12-17).

3. O ensinamento da Igreja

A arte de amar o irmão e a irmã é a suprema, não existem objetivos mais urgentes e essenciais para o homem. Falir neste único objetivo que Deus nos dá, que a nossa consciência nos dá, que a vida mesmo nos dá, significa precipitar no vazio, no nada. Sem a comunhão, sem o irmão e a irmã a vida se torna mutilada, incompleta. E por reflexo vão ressentir a nossa alegria, nossa paz e harmonia interior e exterior. No irmão e na irmã Deus está presente; amizade e comunhão com eles são experiência de intimidade com Deus.

«O ideal cristão convidará sempre a superar a suspeita, a desconfiança permanente, o medo de sermos invadidos, as atitudes defensivas que nos impõe o mundo atual. Muitos tentam escapar dos outros fechando-se na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciaram ao realismo da dimensão social do Evangelho. Porque, assim como alguns quiseram um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz, também se pretendem relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por ecrãs e sistemas que se podem acender e apagar à vontade. Entretanto o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do

outro, com a sua presença física que interpela, com o seu sofrimento e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura...

Nisto está a verdadeira cura: de facto, o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura é uma fraternidade *mística*, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom. Precisamente nesta época, inclusive onde são um «pequenino rebanho» (Lc 12, 32), os discípulos do Senhor são chamados a viver como comunidade que seja sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-16). São chamados a testemunhar, de forma sempre nova, uma pertença evangelizadora. Não deixemos que nos roubem a comunidade!» (Evangelii Gaudium 88; 92).

4. Pensamento do Fundador

A vida de relação com o irmão e a irmã está no plano de Deus para a nossa vida. Viver com os outros e para os outros é o caminho que Deus indica para encontrar a verdade de nós mesmos e viver em plenitude o dom da vida. Padre Alberione acena às várias vantagens de viver junto: distancia-nos dos perigos, há uma edificação mútua, há crescimento na humildade, na bondade, na caridade, forma-se melhor intelectualmente, moralmente, religiosamente. Em definitiva, porém, é em Cristo, na Eucaristia que a recíproca ajuda e a comunhão de um com o outro chega ao ápice.

«Viver junto tem também vantagens preciosíssimas: que junto se salva de muitos perigos, junto edifica-se com os bons exemplos. E, depois, junto se reza e se trabalha. E assim foi do colégio apostólico, que era um verdadeiro instituto religioso, mas no mais elevado sentido, com a aquela largura e com a bondade semelhante àquela que Jesus sabia usar de maneira divina para com os seus apóstolos, enquanto ao mesmo tempo os levava ao exercício prático de todas as virtudes, especialmente da humildade, da bondade, da caridade... Na vida comum forma-se melhor quer intelectualmente, quer moralmente e também asceticamente e religiosamente... Se compreendestes o dom de Deus da vida comum! Enfim, cada vez mais rezar pedindo de amá-la e de querer viver e de entender entrando todas junto na Hóstia da manhã, na mesma Hóstia, entrando todas junto para assistir ao Sacrifício da cruz renovado aqui, entrando todas